

A BIBLIOTECA DO SÉCULO XXI: novos paradigmas ou meras expectativas?

Maria das Graças Targino

RESUMO

Objetiva-se discutir os paradigmas norteadores da biblioteca do século XXI e, por conseguinte, da ciência da informação (CI). A priori, consideram-se três pontos: (1) a biblioteca como instituição fundamentalmente social e, portanto, sujeita às mudanças que afetam a sociedade; (2) a mobilidade irreversível dos paradigmas, em qualquer área de atuação; (3) a ação profissional e governamental como elemento determinante da atuação das instituições. Como inevitável, ao atravessar as várias fases históricas, a biblioteca assimila a realidade dos diferentes períodos e assume posturas paradigmáticas distintas. De início, prevalece o modelo centrado na disponibilidade, que prioriza grandes coleções e edifícios majestosos, perfazendo o just in case: o leitor tem a seu dispor a informação demandada, graças ao browsing real. Paulatinamente, consolida-se o modelo centrado na acessibilidade. É a prevalência do just in time, graças ao intercâmbio com as demais unidades de informação conectadas em rede e ao browsing virtual. A expansão das tecnologias propicia o advento da biblioteca virtual (BV) e a emergência do paradigma informacional ou digital. Porém, insiste-se na idéia de que profissionais e governantes são os responsáveis, por excelência, pela vigência dos paradigmas alusivos às bibliotecas. E mais, eles não são per se excludentes, face à diversificação sempre existente de culturas, países e povos, o que significa dizer que BV subsistem ao lado de bibliotecas tradicionais, em pleno século XXI.

Palavras-chave: Bibliotecas: paradigmas e modelos. Ciência da Informação: paradigmas e modelos. Ciência da Informação.

* Professora da Universidade Estadual do Piauí. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: gracatargino@hotmail.com

I PALAVRAS INICIAIS

A civilização propriamente dita, segundo os meios de comunicação de que se utiliza, tem seu início com a escrita [...] E como é óbvio, à medida que a escrita evolui, define as próprias leis de funcionamento, adquirindo missão essencial ao desenvolvimento da sociedade moderna. E é esta sociedade "desenvolvida, tecnológica e avançada", que segundo os comunicólogos, absorve com tal intensidade os meios de comunicação de longo alcance (rádio, televisão, telefone, cinema), que decreta a **morte do livro** (grifo nosso) e inicia seu retorno à oralidade.

Esta não é apenas a opinião de comunicólogos. Homens cultos da atualidade,

como Marshall McLuhan, desprezam os livros, a exemplo do que ocorreu no século IV a. C., quando Platão se opôs radicalmente à escrita, embora ele próprio escrevesse seus argumentos e os registrasse [...] Esta é a grande contradição: os mesmos que admitem e apregoam a **morte do livro** (grifo nosso), e, por conseguinte, das **bibliotecas** (grifo nosso), reconhecem a impossibilidade de uma civilização "sem papéis" [...] Não se pode pensar na manipulação da informação pelos computadores sem a utilização da escrita.

(TARGINO, 1980. p. 3).

A epígrafe ora transcrita, extraída de trecho publicado há exatamente 28 anos atrás, nos dá dimensão exata de como as discussões se perpetuam ao longo dos anos. Somente como ilustração, o decantado risco de privatização das universidades públicas e a decadência do ensino em geral e da educação superior, em particular, constituem tema de meu primeiro artigo publicado em jornal, no caso, *Jornal do Commercio* (Recife, Pernambuco), em 1968, nos meus longínquos 20 anos. Descubro um tanto assustada: a mesma abordagem do ano 2008, século XXI – reforma universitária e suas implicações, professores mal remunerados, acervos bibliográficos desatualizados etc.etc.

De forma similar, a morte do livro e das bibliotecas consiste em tema recorrente nas mais distintas ocasiões. Não somente com o avanço dos meios de comunicação, como a epígrafe insinua, como também, com a expansão das microedições, sobretudo, na década de 70, quando os documentos assumem formatos reduzidos, em suportes diversificados, como filmes e fichas, trazendo à tona vantagens de armazenamento, de facilidade de distribuição e de reprodução.

No momento atual, a supremacia das tecnologias de informação e de comunicação (TIC), especificamente, a internet, faz ressurgir uma antiga questão: a sobrevivência das bibliotecas, ou melhor, os paradigmas e as expectativas que rondam a biblioteca do século XXI e, por conseguinte, a ciência da informação (CI). Consensualmente, teóricos, como Manuel Castells, Michael Schudson, Alvin Tofler e Raymond Williams evidenciam a íntima inter-relação entre sociedade e tecnologia e vice-versa. A revolução tecnológica ou as revoluções tecnológicas caminham, simultaneamente, com a história da humanidade. O avanço científico e tecnológico tem sempre a sociedade como referência. Impossível desprezar a premissa de que as inovações tecnológicas constituem relevante fator de mudanças sociais, culturais e econômicas, com a substituição do paradigma da sociedade industrial pelo da sociedade pós-industrial, cujo eixo da economia é a produção, distribuição e difusão da informação e do conhecimento, gerando novo setor do sistema produtivo, o quaternário. Este incorpora as atividades da indústria da informação e do conhecimento: imprensa, bibliotecas, institutos de pesquisa, bancos de dados, sistema educacional e

instituições similares, como Castells (2001, 2003) desenvolve em *La sociedad red* e em *La galaxia internet*.

Porém, nessa corrida quase desenfreada em busca de novos paradigmas que sustentem as bibliotecas, nossa prática profissional e a ciência da informação, há que considerarmos três pontos elementares. Em primeiro lugar, a biblioteca é, fundamentalmente, instituição social. Como tal, está sujeita a todo e qualquer processo de transmutação que atravessa a sociedade. Em qualquer nível que opere, cabe a ela maximizar a utilidade social dos registros gráficos ou eletrônicos, mantendo vivas a identidade e a memória da cultura nacional e local, ou seja, a biblioteca não está à margem da sociedade. Ao contrário. Está inserida no âmago da tessitura social, e, assim sendo, sofre as mutações contínuas que afetam a sociedade como um todo. Relacionando-se cultura e biblioteca como organismo social, é objetivo primordial de toda e qualquer biblioteca a preservação e a disseminação dos valores da formação cultural nacional, evitando, desse modo, que o desenvolvimento do processo tecnológico valorize, excessivamente, as idéias importadas em detrimento das geradas no País.

O segundo ponto a destacar é que, em qualquer circunstância e em qualquer área de atuação, incluindo a CI, princípios “verdadeiros” em certas épocas são modificados ou substituídos diante de novas descobertas. Isto corresponde à mobilidade irreversível dos paradigmas, configurando a tão comentada “*revolução científica*”, expressão cunhada por Kuhn, ainda nos anos 60, embora Platão (2002) figure como o primeiro a recorrer à noção de paradigma em sentido próximo ao adotado até os dias de hoje, em sua obra *Diálogos: o banquete; fedon, sofista, político*. Aqui, vale o adendo de que, para muitos acadêmicos e cientistas, os paradigmas são aplicáveis tão-somente aos campos devidamente consolidados como ciência. E, na concepção de Kuhn, as ciências sociais, em geral, estão em estágio embrionário, e, portanto, são pré-paradigmáticas.

Outra observação pertinente é alusiva às polêmicas infundáveis sobre o uso de paradigma como sinônimo de modelo (do grego *paradeima* = modelo), como sua etimologia sugere. Exemplificando: Renault (2007) argumenta que o paradigma está ao lado da teoria; o modelo, por

sua vez, está atrelado ao método. Afirma, ainda, que um mesmo paradigma pode conter várias teorias e uma teoria, abrigar vários modelos, embora seu texto não esclareça satisfatoriamente como isto se dá, no campo da CI. Outro adendo refere-se às tendências lideradas por Wersig (1993), no sentido de “condenar” o estudo da ciência da informação, sob o prisma dos paradigmas, argumentando que mais eficientes do que eles são as abordagens voltadas para questões específicas, capazes de conduzir a resoluções, também específicas:

[...] de modo mais realista [...] as diferentes abordagens caracterizam-se pela transdisciplinaridade, pela ênfase em determinado modelo ou esquema e pelo foco nos problemas práticos da área, nas soluções adotadas e nos estudos empíricos (CAMPOS; VENÂNCIO, 2007, p. 108).

No entanto, seguimos a linha kuhniana, segundo a qual a ciência caminha face à troca de paradigmas. Paradigmas como premissas compartilhadas por membros de determinada comunidade científica. Seus partícipes possuem interesses comuns em torno de uma especialidade, submetendo-se a um processo de educação similar e acessando a mesma literatura técnica. Isto gera certo nível de agregação e união, embora esses grupos não estejam livres de conflitos e disputas internas. Novas idéias põem em crise um paradigma até então estabelecido. Nasce, então, um novo paradigma que traz consigo uma nova visão da práxis científica, incorporando novos temas prioritários, novas técnicas e métodos, novas hipóteses e teorias, num ciclo contínuo e permanente, e mais do que isto, inesgotável. Isto é, teorias são contestadas, revistas e questionadas por sua auto-suficiência, por seu absolutismo, observando-se crescente busca de uma ciência pluralista, capaz de perceber e respeitar a totalidade dos fenômenos, numa visão holística.

O terceiro aspecto que merece ênfase é que, antes de qualquer elemento, é a ação profissional e governamental que determina a atuação das instituições. Não importa conceituação, categorização ou tipologia de bibliotecas, se não há predisposição dos profissionais em consolidá-las como tal e, sobretudo, se não existir vontade política para acioná-las como verdadeiros centros de aprendizagem. Questionados sobre

a importância da biblioteca nas escolas, nos institutos de pesquisa, nas universidades etc., não há administrador que refute seu valor. No momento das decisões, os cortes orçamentários, a designação de servidores imprestáveis ou a indicação de nomes políticos para as chefias dessas instituições desmentem as palavras vãs de muitos administradores e governantes. Contra essa postura, não há paradigma que resista à inoperância e ao desvirtuamento das bibliotecas como centros de ação cultural.

2 MUTABILIDADE DOS PARADIGMAS E INSTITUIÇÃO BIBLIOTECA

Diante do exposto, sem rígidas preocupações históricas, em termos gerais, lembramos que os vestígios das primeiras bibliotecas nos conduzem aos registros em suporte mineral. A escrita é registrada em tabletes de argila e, posteriormente, no papiro e no pergaminho. Aos manuscritos, se sucede o papel, que favorece a expansão das bibliotecas, restritas, à época, às classes favorecidas, nos castelos medievais, com ostensiva marginalização dos plebeus. Graças a Johann Gutenberg (c. 1398-1468), alemão e inventor da imprensa, os impressos conquistam espaço e acarretam profundas transformações de natureza sociocultural e educacional.

No século XVI, as bibliotecas sofrem mudanças ainda mais profundas, por conta da laicização. A exclusão do elemento religioso como item dominante da informação permite o início da democratização da informação e o posicionamento gradativo da biblioteca como instituição social. É a hora das bibliotecas modernas. Seu traço marcante é o abandono do posto de guardião ou “cão de guarda” das informações, até então inerente às bibliotecas medievais (entre o começo do século V e meados do séc. XV), com conseqüente disseminação da informação. Grande parte das bibliotecas passa de particulares para públicas. Emergem as bibliotecas especializadas, priorizando áreas do conhecimento.

Mais adiante, os anos 60 e 70 do século XX trazem, “oficialmente”, as novas tecnologias de informação e de comunicação, como resultado dos avanços da indústria eletrônica, expandindo-se, vertiginosamente, ao final desse século e no século atual, embora ressaltemos que, desde

os primórdios, ao tentar dominar a natureza via recursos rudimentares para garantir sua sobrevivência, o homem gera o processo tecnológico. Afinal, a expressão ainda em uso – novas tecnologias – aplicadas a quaisquer ramos do saber – refere-se muito mais ao estágio atual dos processos tecnológicos do que ao adjetivo novas, na acepção restrita de nomear aquilo que tem pouco tempo de existência. Tal como a revolução industrial, a revolução tecnológica tem provocado profundas alterações na configuração social do Ocidente. Citamos, por exemplo, a descentralização da economia, a alteração das práticas culturais, a redefinição do trabalho e a popularização da informação.

Ora, se a informação sempre fez parte da vida da humanidade, na função de instrumento propulsor do avanço do conhecimento humano, das nações e dos povos, hoje, assume natureza revolucionária. Suas dimensões quase infinitas, seu caráter instantâneo, seu alcance global e seu volume imensurável transcendem o alcance e o controle dos cidadãos, haja vista que não obedece a delimitações espaciais, lingüísticas, culturais e políticas, atingindo as mais distintas facetas da vida do ser humano.

Isto significa que as inovações tecnológicas são decisivas na mutabilidade dos paradigmas concernentes à biblioteca, em sua condição de instituição social. E, como inevitável, ao atravessar as várias fases históricas, indo do período medieval à contemporaneidade, a biblioteca assimila a realidade dos diferentes períodos e assume posturas paradigmáticas distintas. De início, a biblioteca tradicional, que prioriza as grandes coleções e os edifícios majestosos. O valor social das bibliotecas está intimamente atrelado à dimensão fantástica de suas coleções, perfazendo a expressão *just in case*. Quer dizer, no momento exato, o leitor tem a seu dispor a informação demandada, ali na prateleira, mediante consulta aos catálogos ou, se a biblioteca é de livre acesso, graças à possibilidade do *browsing real*. Talvez, na visão defendida por Renault (2007), este corresponda ao paradigma físico ou fiscalista, que prioriza as “coisas”.

Paulatinamente, há visível e indiscutível substituição do modelo de biblioteca centrado na disponibilidade por um novo modelo centrado na acessibilidade. É a prevalência do *just in time*, com destaque para o intercâmbio com as demais unidades de informação conectadas em

rede e para o *browsing virtual*. São iniciativas para consolidar a mudança de paradigma do acervo para a informação, do suporte físico para a informação, em que a biblioteca tradicional dá lugar à biblioteca ação cultural: o importante é suprir as demandas do usuário, de imediato, não importa o suporte ou a localização física da informação, o que encontra equivalência no paradigma cognitivo associado ao social. Isto é, a idéia de objetivação da informação, quando se atribui significados em consonância com as demandas dos indivíduos, leva em conta tanto o repertório cognitivo de cada um como o contexto no qual está imerso.

E, obviamente, a valorização da informação se insere mais e mais no contexto da comunicação eletrônica, visando expandir a biblioteca virtual (BV), como possibilidade real e não utopia. Como decorrência, a BV se fortalece. Ganha contornos variados e denominações distintas (nunca consensuais), como Marchiori (1997) detalha – biblioteca automatizada / eletrônica / digital / biônica / *without walls library* (sem paredes) / não física / polimídia / ciberteca / *desktop library illimited*. Enquanto a diversidade terminológica reflete a dinamicidade própria de conceitos em construção, asseguramos que a BV (ou a designação que se queira optar) permite ao leitor posicionar-se como ator e autor do processo de comunicação, graças à facilidade de obtenção de informações. A informação está, agora, em toda parte. Seu acesso se dá através das redes eletrônicas de comunicação, de qualquer lugar e por qualquer indivíduo. A inter-relação mais efetiva e crescente entre emissor e receptor é visível. Por conseguinte, o processo de comunicação, de repasse de informações e de apreensão de novos conhecimentos se dinamiza e se enriquece na multiplicidade de leituras agora possível, de tal forma que, com certeza, estamos vivenciando, mais do que nunca, novo paradigma informacional ou um paradigma digital.

É interessante transcrever as diferenças (**Quadro 1**) entre os modelos de bibliotecas, construído por Valentim, ainda em 1995, e que persiste atual, lembrando que com o novo modelo de biblioteca, o profissional assume a função de *gatekeeper*, selecionando e / ou assinalando as informações adequadas às demandas dos usuários, graças às redes e bases de dados. Porém, sua interveniência é acompanhada pelos olhos atentos dos indivíduos, que podem aceitar ou contestar.

BIBLIOTECA - ANTIGO MODELO	BIBLIOTECA - NOVO MODELO
Estrutura hierárquica	Estrutura horizontal
Enfoque no acervo	Enfoque na informação
Organização estática	Organização dinâmica
Trabalho desenvolvido em serviços	Trabalho desenvolvido em projetos
Gerenciamento centralizado	Autogerenciamento
Conhecimentos específicos	Conhecimentos amplos
Relacionamento competitivo	Relacionamento cooperativo
Motivação individual	Motivação de equipes
Ações controladas	Ações inovadoras
Atendimento pessoal	Atendimento remoto
Pesquisa <i>in loco</i>	Pesquisa remota
Acervo linear	Acervo óptico
Linguagem controlada	Linguagem livre
Entrada de dados referenciais	Entrada do texto completo
Serviços <i>in loco</i>	Serviços <i>on-line</i>
Produtos impressos	Produtos automatizados
Utilização de sistemas ilhados	Utilização de sistemas integrados
Utilização de mídia única	Utilização de multimídia

Quadro 1: Mudança de paradigmas na biblioteconomia

Fonte: VALENTIM, 1995, p.

3 MUTABILIDADE DOS PARADIGMAS X BIBLIOTECAS X FORMAS DE ATUAÇÃO

No entanto, se as concepções da instituição biblioteca se alteram ao sabor das mutações da sociedade da informação ou sociedade do conhecimento ou sociedade da aprendizagem, como querem alguns, decerto, muito mais do que a tipologia em si ou a denominação dada à biblioteca, o que determina a adoção de paradigma x ou y por determinada instituição é a forma de atuação. Isto significa que, em pleno século XXI, em meio ao domínio irreversível do fluxo informacional contínuo e inesgotável, é possível encontrar, em diferentes países e em diferentes localidades, a nomeada biblioteca tradicional.

Não nos referimos às bibliotecas de associações de bairro, às bibliotecas comunitárias, às bibliotecas infanto-juvenis ou escolares, que sobrevivem às duras penas em realidades socioeconômicas adversas, em países em desenvolvimento ou nações miseráveis.

Fazemos alusão, sim, àquelas instituições que possuem boas condições de funcionamento, ou, no mínimo, razoáveis, mas priorizam acervo, armazenagem, recursos materiais, instalações, equipamentos etc.etc. em detrimento da provisão ou antecipação de informações ao público-alvo. Podem até não armazenar grandes acervos. Podem até manter conexão à internet à disposição dos usuários, mas os serviços estão distantes da ação cultural no sentido estrito do termo, em que profissional e público são atores e agentes sociais, distantes do estereótipo do elemento passivo e amorfo. São bibliotecas, em pleno século XXI, que conservam os livros em estantes a sete chaves. São bibliotecas de poderosas faculdades particulares de ensino superior, cujas portas estão cerradas à visitação do público ou cujo acesso somente é possível mediante autorização formal da administração superior da entidade. Há um adendo: estamos falando somente em consulta ao acervo, nem sequer no uso de quaisquer outros serviços rotineiros, como empréstimo domiciliar.

Sob tal ótica, é sempre um risco refazer a história das bibliotecas a partir tão-somente da fase histórica em que estão inseridas. Exemplificando, Marchiori (1997) fala de três períodos principais: a biblioteca tradicional (de Aristóteles até a fase inicial da automação de bibliotecas); a biblioteca moderna, que incorpora a automação à significativa parte dos serviços técnicos e acompanha a expansão da tecnologia do CD-ROM; a biblioteca do século XXI, que disponibiliza informações de qualquer parte do mundo por meio das redes eletrônicas de informação, com ênfase para a internet.

Insistimos, porém, que a diferenciação dos paradigmas - biblioteca tradicional (primazia das grandes coleções); biblioteca ação cultural (primazia dos usuários); biblioteca virtual (primazia do fluxo informacional ou paradigma informacional ou paradigma digital) - soa falsa e artificial, quando nos movemos por conceitos estanques ou movidos por perigosas generalizações. Em qualquer instância, a biblioteca é, por sua natureza, instituição cultural e social, como antes enunciado. As razões são distintas. A princípio, os recursos documentais são um dos mecanismos sociais de maior relevância para a preservação da memória racial e a biblioteca é um aparelho social para transferir isso ao consciente dos indivíduos. Assim, a biblioteconomia toma o lugar que lhe cabe entre os fenômenos a serem discutidos em qualquer sistema de ciência social, não apenas como ramo do conhecimento que se dedica a reunir, organizar, disseminar e / ou até produzir o conhecimento registrado, mas, essencialmente, como serviço social de vital importância para a evolução da sociedade.

Ademais, se a cultura, qualquer que seja ela, não pode ser entendida como fenômeno isolado, afirmamos que para sua preservação e comunicação, a biblioteca é instituição-chave. Aqui, ressaltamos que à biblioteca não interessa o conceito de cultura como sinônimo de erudição. Trata-se de concepção, que peca sensivelmente em sua essência, pois conduz à tendência de segregar a comunidade em duas categorias: os letrados, de um lado; os analfabetos ou não letrados, do outro. Em linha oposta, o bibliotecário precisa ter em mente as concepções teóricas fundamentadas em proposições antropológicas ou sociológicas, fartamente difundidas, segundo as quais, a cultura é o complexo que abrange conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras

capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Neste sentido, o essencial, quando se discutem os **novos paradigmas da biblioteca no século XXI, é a nova postura que se espera do profissional bibliotecário**. As numerosas transformações sociais, decorrentes dos avanços científicos e tecnológicos, indiscutivelmente, atingem nossa vida individual e profissional. Há profissões que morrem ou agonizam, como as dos copidesques, sineiros, sapateiros, forneiros, moleiros e alfaiates. Há profissões que nascem e se fortalecem, como as de blogueiro político, *site acquirer* (função principal: localizar áreas para instalação de antenas de redes de telefonia celular); *help desk* (prestar assessoria na área de informática a pessoas físicas e jurídicas); *hacker* de segurança (prevenir possíveis ataques de *hackers* aos sistemas informatizados); gestor de mudança (orientar os recursos humanos sobre eventuais modificações nas estruturas empresariais); analistas de lógica industrial; arquiteto da informação (distribuir os conteúdos nos *sites*); *webmaster* (gerar e operacionalizar *sites*); e *webdesigner*, responsável pelo aspecto visual dos *sites* na web. Há profissões que tendem a se modificar, como as do bibliotecário e dos profissionais de informação, em geral. Por sobrevivência, estes devem ir além das tarefas rotineiras, como empréstimo domiciliar, serviço de orientação de usuários e levantamentos bibliográficos *on-line* para assumir outros encargos, a exemplo da avaliação, planejamento, implantação de redes de informação em empresas industriais; programas de gerenciamento de informação na automação de bibliotecas e instituições congêneres; e edição de revistas técnico-científicas.

Isto porque, se, no dia-a-dia, qualquer profissional, independentemente de sua atuação, precisa de informações, isto não o transforma em profissional da informação. Talvez, por designar um novo profissional (ou, pelo menos, assumindo novos papéis e funções) ou por se referir a uma atividade, que incorpora aspectos multidisciplinares, esta expressão ainda possui conceituação frágil. Na realidade, deveria nomear quem se dedica à informação, o que implica atualização, capacidade de pesquisa e de manuseio de suportes variados, tendo em vista, sempre, as demandas informacionais do público. O profissional da informação é quem

adquire informação registrada (não importa em que tipo de suporte), organiza, descreve, indexa, armazena, recupera e distribui essa informação, tanto em sua forma original, como em produtos elaborados a partir dela, excluindo os produtores de informação, quais sejam, os cientistas e tecnólogos.

Assim, todos os bibliotecários são ou deveriam ser profissionais da informação, mas nem todos os profissionais da informação são bibliotecários. A eles, somam-se documentalistas, arquivistas, museólogos, administradores, contadores, analistas de sistema, comunicólogos, jornalistas, publicitários, estatísticos, engenheiros de sistemas, sociólogos, educadores, dentre outros, com ênfase para ocupações emergentes, como os citados *webmasters* e os analistas de lógica industrial. Esperam-se desses profissionais, responsáveis pelo fortalecimento de bibliotecas representativas do século XXI, e, portanto, fortalecidas por paradigmas que se sustentam não apenas no avanço tecnológico, mas na valorização do usuário, requisitos e atribuições peculiares (GUIMARÃES, 1997; MASON, 1990).

Por exemplo, são requisitos básicos do profissional da informação: visão gerencial; capacidade de análise; criatividade; atualização. Em se tratando da visão gerencial, esta permite ao profissional da informação tomar decisões, de forma racional e eficiente, diante de questões, como o custo da informação e seu caráter estratégico, ao lado de capacidade de análise como subsídio para a referida tomada de decisão, face à diversificação de suportes, à multiplicidade de uso da informação e às demandas informacionais gradativamente mais singulares e individuais. Trata-se de adotar atitudes específicas, tais como, noção precisa de tempo e de espaço; conhecimento de condições financeiras e de investimentos em recursos humanos, engenharia e administração de fontes de informação e gestão eletrônica de documentos.

Além do mais, a criatividade é indispensável para qualquer profissional. Inclui "ingredientes" cognitivos e perceptivos, como: originalidade, criticidade, liderança, sensibilidade diante de situações novas, flexibilidade e fluência, lembrando, como se diz, no cotidiano, que criatividade consiste, fundamentalmente, em buscar novas soluções para velhos problemas. Também merece atenção a capacidade de atualização no processo de educação continuada.

Como visto, além de essencial a qualquer profissão, a atualização, que requer leitura, estudo e pesquisa, vai além dos conhecimentos técnicos. Se a alfabetização em novas tecnologias de informação e de comunicação é a condição primeira para que profissionais da informação e, especificamente, bibliotecários, atuem como multiplicadores e alfabetizadores na sociedade, há outras habilidades que extrapolam a intimidade com o computador. É a motivação pessoal, o conhecimento de idiomas; a capacidade de conviver em grupo; o dinamismo; a persistência; a visão interdisciplinar; o profissionalismo; a capacidade de comunicação e de fazer alianças; a competência; a responsabilidade; a capacidade de inovação, embora os requisitos ora enunciados, em termos genéricos, sejam básicos para qualquer outra profissão.

Por outro lado, é vital reforçar que a mutabilidade dos paradigmas intervenientes na vida das bibliotecas, tais como as formas de atuação dos profissionais bibliotecários do século XXI exigem revisão e reestruturação imediata dos cursos de graduação na área. É preciso que os alunos estabeleçam contato permanente com as TIC. Estas não devem figurar apenas como disciplina curricular ou conteúdo programático. Em linha oposta, precisam estar presentes como suporte ao ensino de temas diversificados, indo, por exemplo, da indexação ao estudo de usuário, da catalogação à geração de fontes de informação, a fim de que o alunado / futuros profissionais se habilitem a lidar com as perspectivas de desenvolvimento de bibliotecas, associadas à necessidade de integração e gestão de materiais e serviços do universo impresso e do novo mundo digital.

Um outro aspecto na formação do bibliotecário do século XXI vincula-se à citada visão gerencial na área de informação. Na mesma linha de raciocínio, está a abordagem dos suportes de informação como um todo, eliminando-se, de vez, a idéia da informação restritamente bibliográfica. Acrescentamos que os cursos de graduação não podem perder de vista a relevância da educação continuada para seus graduandos, quer ao longo da formação básica, quer após sua conclusão. Enfim, são urgentes estruturas curriculares mais flexíveis, que contemplem um número maior de matérias optativas e interdisciplinares. São urgentes currículos mais integradores, que favoreçam

e estimulem visão ampla de mundo, em que as técnicas, como elementos essenciais, atuem, de fato, como meros instrumentos para difusão de informações aos diferentes segmentos sociais.

Os bibliotecários do século XXI, independentemente da nomeação de quaisquer paradigmas, precisam acompanhar os movimentos de democratização da informação. Estamos vivenciando, por exemplo, o movimento mundial de acesso livre à informação científica, liderado, em termos de Brasil, pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT, 2005), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia e líder do Manifesto Brasileiro. O acesso livre se impõe como modalidade de publicação de artigos científicos que cresce, de forma veloz, graças aos repositórios de acesso livre e / ou a *softwares* de código aberto. A *Open Archives Initiative* ou Iniciativa dos Arquivos Abertos (OAI) consiste em revisão do próprio processo de comunicação científica, com base na implantação de soluções tecnológicas integradas, mediante procedimentos, tais como: auto-arquivamento pelos autores; metadados padronizados para descrição; acesso livre à produção científica e o Protocolo OAI.

Há, também, alternativas que consolidam o paradigma vigente no âmbito das bibliotecas do século XXI, em que o fluxo informacional e as potencialidades do mundo digital são a “grande estrela”. Dentre eles, está o *Creative Commons* (CC): projeto sem fins lucrativos, já em vigor em diferentes países, incluindo o Brasil, que disponibiliza licenças flexíveis para obras intelectuais. Construído a partir da lei atual de direitos autorais, possibilita o compartilhamento de criações, incluindo músicas, filmes, imagens e textos *on-line* (científicos ou não), devidamente identificados com licença CC. Tomando como referência a idéia dos direitos reservados, como se dá nos direitos autorais tradicionais, o CC adota a opção de “*alguns direitos reservados*”. Isto é, com a referida licença, o autor **mantém os seus direitos autorais, mas, simultaneamente**, possibilita a outros copiar e distribuir a sua obra, com a condição de que atribuam o devido crédito, obedecendo às condições previamente especificadas. Caso o autor disponibilize a sua produção, sem nenhuma condição, deve optar pelo domínio público (CREATIVE Commons, 2008). Conseqüentemente, o CC emerge como uma das formas de acesso e de uso da informação científica, de cunho democrático.

4 FINALIZANDO

Por fim, reforçamos a idéia de que são os profissionais e os governantes os responsáveis, por excelência, da vigência dos paradigmas emergentes. Se, no momento, a informação em circulação é o motor da sociedade contemporânea, bibliotecas e bibliotecários precisam estar alertas às novas formas de relações sociais e práticas culturais advindas das aplicações tecnológicas em informação, conscientes, porém, que não se trata de relação simplista de causa e efeito, em que a alterações infra-estruturais correspondem mudanças superestruturais. Cada tecnologia tem seu próprio espaço, seu próprio tempo, seu próprio público. Ocorrem sim, mutações, adaptações e avanços: as inovações tecnológicas não se contrapõem àquelas em uso, mas a complementam. As bibliotecas virtuais avançam e avançarão mais e mais – este é um caminho sem volta – mas sua eficiência ainda está vinculada à eficiência dos profissionais da informação ou do bibliotecário, em particular.

E mais, ao lado das BV, sobreviverão bibliotecas tradicionais e bibliotecas ação cultural. Assim, quando nos perguntam se as bibliotecas físicas ainda existirão, respondemos sem titubear: “Sim, persistirão”, porque a diversificação de culturas, de países e de povos é um fenômeno que persistirá. Agora mesmo, no momento em que alardeamos a proliferação das BV no mundo e no Brasil, vivenciamos extrema contradição. Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), introduzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para avaliar a qualidade de vida e o progresso humano, por meio da conjunção de três indicadores – longevidade, nível educacional e acesso a recursos – o Piauí consta na última colocação no *ranking* dos Estados brasileiros, com IDH igual a 0,534. Pode-se argumentar que os índices são sempre números “*sintéticos*”, e, por conseguinte, sujeitos às imprecisões, além de que, no Brasil, os três órgãos envolvidos, o PNUD, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Fundação João Pinheiro (FJP), ainda hoje, trabalham com dados alusivos a 2003. No entanto, no Piauí, dentre seus 223 municípios, somente 10 mantêm bibliotecas cadastradas no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2008).

Sob esta ótica, asseguramos que há e sempre haverá diferenças entre os países e dentro dos países. E mais, sempre existirão governantes e administradores com visões distintas de mundo. Sempre existirão bibliotecários tradicionais em seu apego a acervos intocados e preservados. Sempre existirão públicos mais, ou menos conscientes ante seus deveres e direitos como cidadão. E, sobretudo, não podemos perder de vista o fato de que, em nosso País, o acesso ao circuito informativo não garante *per se* a inclusão social. Aliada à marginalização educacional, social, cultural, econômica de parcelas significativas da população brasileira, há, agora, os analfabetos digitais ou os excluídos digitais, representados por todos aqueles que continuam fora do circuito informacional. E não são poucos.

De qualquer forma, resta a esperança de que, cada biblioteca, em qualquer lugar, possa se transformar em lugar agradável, atraente e dinâmico, recorrendo à evolução das tecnologias para oferecer às coletividades um mundo informacional multicolor através de programas de computador, da televisão e do rádio, e da própria

internet, com suas potencialidades ímpares. Estas são as **expectativas (meras expectativas)** que podemos delinear para a **biblioteca do século XXI, qualquer que seja a denominação dos novos paradigmas, como prescrito também por Aquino, quando diz, com pertinência e apuro:**

A memória histórica alerta-nos de que não devemos esquecer que a CI [ciência da informação] assumiu seu decisivo papel no desenvolvimento da ciência e da tecnologia e que continua a desempenhar sua função social, hoje acrescida das questões relacionadas aos usuários e suas necessidades de informação, e que suas novas funções têm sido ampliadas e redesenhadas no **novo paradigma tecnológico centrado na informação e no conhecimento** (grifo nosso). Mas consideramos a necessidade de intensificação das práticas sociais, de compromisso de seus atores sociais: pesquisadores, ensinantes e aprendentes (AQUINO, 2007, p. 11).

THE LIBRARY OF THE TWENTY-FIRST CENTURY: new paradigm or mere expectations?

Abstract

This work aims to evaluate the guideline paradigms of the 21st century libraries, and therefore, of the information science (IS). First, three points are considered: (1) the library mainly as a social institution and therefore subject to society changes; (2) the irreversible mobility of paradigms in any area of performance; (3) the professional and governmental actions as a determinant element of institutional performance. Inevitably, as library goes through the many historical phases, it assimilates the reality of different periods and assuming distinct paradigmatic positions. Initially, the availability-centered model prevails, which prioritizes great collections and majestic buildings, the "just in case" model: the reader has the demanded information available thanks to the real browsing. Gradually, the accessibility-centered model is consolidated. It is the "just in time" prevalence, thanks to the exchange between the other wired information units and to the virtual browsing. The technology expansion leads to the advent of the virtual library (VL) and the emergence of the informational or digital paradigm. However, insisting on the idea that professionals and the government are responsible for the validity of allusive libraries paradigms is still a practice. And it is also necessary to take into account the culture, countries and people diversity, which means that the virtual libraries coexist with traditional libraries in 21st century.

Key-words:

Libraries: paradigms and models. Information Science: paradigms and models. Information Science.

Artigo recebido em 22/12/2008 e aceito para publicação em 23/08/2009

REFERÊNCIAS

- AQUINO, M. de A. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 9-16, set. / dez. 2007.
- CAMPOS, L. F. de; VENÂNCIO, L. S. Perspectivas em (in)formação. Tendências e tensões entre abordagens físicas, cognitivistas e emergentes. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 107-118, maio / ago. 2007.
- CASTELLS, M. **La era de la información: economía, sociedad y cultura**. 3. ed. Madrid: Alianza, 2001. 3 v. (v. 1: La sociedad red; v. 2: El poder de la identidad; v. 3: Fin de milenio).
- _____. **La galaxia internet: reflexiones sobre internet, empresa y sociedad**. Barcelona: Areté, 2003.
- CREATIVE Commons. Disponível em: <<http://www.creativecommons.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2008.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**. Disponível em: <http://catalogos.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=sbnpr_pr&db=sbnpr&use=pb&disp=list&ss=NEW&arg=pi>. Acesso em: 18 out. 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 124-140, jan. / abr. 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (Ibict). **Ibict lança manifesto pelo acesso livre à informação científica**. 14 set. 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/openaccess>>. Acesso em: 11 out. 2008.
- KUHN, T. S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago, 1962.
- MARCHIORI, P. Z. "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 2, maio / ago. 1997.
- MASON, R. O. What is an information professional? **Journal of Education for Library and Information Science**, Arlington, v. 31, n. 2, p. 122-138, 1990.
- PLATÃO. **Diálogos: o banquete; fedon, sofista, político**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 2002.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Desenvolvimento humano e condições de vida: indicadores brasileiros; 2003**. Brasília: IPEA, FJP, 2003. 140 p.
- RENAULT, L. V. Paradigmas e modelos: proposta de análise epistemológica para a ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 53-60, maio / ago. 2007.
- SCHUDSON, M. The sociology of news production. In: BERKOWITZ, Dan (Ed.). **Social meanings of news: a text-reader**. Thousand Oaks: Sage, 1997. p. 7-22.
- TARGINO, Maria das Graças. A morte do livro: realidade ou ficção? **O Estado**, Teresina, 25 out. 1980. p. 3
- TARGINO, M. das G. **Olhares e fragmentos: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação**. Teresina: UFPI, 2006. 266 p.
- TOFLER, A. **Powershift: knowledge, wealth and violence at the edge of the 21st century**. New York: Bantam Books, 1990.
- VALENTIM, M. L. P. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 0, n. 0, p. 2-7, jul. / dez. 1995.
- WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.
- WILLIAMS, R. **Culture and society**. London: Penguin, 1992.
- _____. Culture and technology. In: _____. **The politics of modernism: against the new conformists**. London: Verso, 1989. p.119-139.